



A gente quer comida, diversão e arte: uma experiência na comunidade da surf e a utilização da linguagem filmica na afirmação de direitos humanos

A cultura, entendida “como o universo da criação, transmissão, apropriação e interpretação dos bens simbólicos e suas relações” (Ferreira Santos), é, cada vez mais, pensada como um direito fundamental, estimuladora das práticas de cidadania e Direitos Humanos.

Assim, ela é considerada central para qualquer projeto que esteja comprometido com as diversas ações que incentivem práticas para a cidadania e fundamentais para a transformação da realidade social, sem discriminações, na direção de um país mais justo e menos violento, principalmente para aqueles denominados por Milton Santos, dos “debaixo”.

A responsabilidade pela formulação de políticas de cultura, alicerçada pela primeira vez no texto constitucional de 1988, quando fala em Direitos Culturais, pressupõe que o Estado deve assumir, num processo democrático e aberto à toda sociedade, a cultura como política pública e social.

O trabalho que ora apresentamos entra nessa perspectiva de contribuir para o debate da Cultura e Direitos Humanos, uma vez que tem por objetivo trabalhar processos de reconhecimento e afirmação das pessoas, suas necessidades e escolhas.

Apresentamos, então, a experiência de campo realizada pela equipe do Projeto Cenas de Cinema - um trabalho de extensão da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), iniciado em 2005. Nosso propósito é democratizar e ampliar o acesso à cultura e ao debate intelectual no circuito universitário e no circuito comunitário junto ao público que não tem acesso às salas de cinema por razões financeiras ou geográficas. Queremos possibilitar espaços de conversas reflexivas sobre construções, práticas sociais e processos estéticos a partir de diferentes formas

Ana Claudia Carreira Nogueira*

Lais Helena Pinta Veloso**

Maria Luiza Testa Tambelline***

Renata Pacheca Abreu****

Resumo:

O presente trabalho trata de uma experiência vivenciada na parceria entre o Projeto de Extensão *Cenas de Cinema – Conversas transdisciplinares entre saberes e práticas sociais* (FSS/UERJ e ESS/UFF) e o projeto social *Ricardo Tatui*, que promove aulas de surf no canal da Praia de Itaipu/Niterói para crianças e adolescentes da rede pública de ensino. Neste espaço, lazer, cultura e arte se conectam, estimulando o prazer pela vida, a busca por novos horizontes e a reflexão sobre os mais diferentes temas presentes no cotidiano da vida social. Lembrando que o lazer e o acesso à cultura e ao esporte são direitos presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente, reconhecemos este trabalho como meio para a afirmação dos direitos humanos, da cidadania e do direito à vida.

Palavras-chave: cultura, práticas sociais, esporte, cidadania.

* Aluna de Serviço Social da ESS/UFF e bolsista voluntária no projeto Cenas de Cinema.

** Professora da FSS/UERJ e da ESS/UFF e Terapeuta de Família – e-mail: lais_veloso@yahoo.com.br.

*** Professora da FSS/UERJ.

**** Assistente Social e Técnico-administrativo do Projeto Cenas de Cinema/UFF – e-mail: renatapacheca@hotmail.com.

de expressão cultural, através da linguagem escrita e da linguagem fílmica e estimular diálogos entre os mais diferentes saberes e práticas. É, então, que a projeção de filmes, acrescida de debates, revela-se como um recurso potencializador da intersubjetividade e da reflexão sobre temas de interesse do público alvo de nossas ações.

Foi assim que, em junho de 2005, o Projeto Cenas de Cinema consolidou uma parceria com o Projeto Ricardo Tatuí, que, desde 1998, realiza aulas de surf com crianças e adolescentes, alunos das escolas públicas no município de Niterói. Alicerçado numa “cultura de paz”, este projeto visa democratizar a prática do surf, incentivar a formação de atletas profissionais, estimular uma vida saudável, o respeito e a preservação do meio ambiente, através de noções de biologia marinha e, ainda, contribuir para o fortalecimento da cidadania de seus alunos.

A parceria do Cenas de Cinema com a comunidade do surf vem para dar suporte às atividades desportivas, realizando atividades permanentes, através da construção de um Ateliê de Conversas e de Práticas Educativas e Culturais, fazendo possível perceber que surf, educação e cultura se conectam, estimulam o prazer pela vida, a busca por novos horizontes e a reflexão sobre questões sociais da realidade cotidiana.

Como “entendemos entendimentos” diferentes do nosso

A linguagem fílmica, com toda a sua valorização de imagens, símbolos, metáforas e emoções, tem demonstrado ser um rico instrumento no processo de compreensão e percepção acerca do mundo. Não obstante, o Projeto Ricardo Tatuí, com seus alunos e professores, proporciona à equipe do Projeto Cenas de Cinema um mergulho nas águas profundas e caudalosas da História e da Cultura Surf. Isto tem nos despertado curiosidades no tocante ao estudo do nascedouro do surf, isto é, os povos polinésios, os nativos do Hawaii e o processo colonizador e moralizador inglês e americano sobre esses povos, a partir da descoberta das ilhas polinésias pelo capitão inglês James Cook, em 1778 (Sahlins).

Temos ainda nos aproximado dos dados referentes à história do surf no Brasil (Lorch), cujo berço, pelo que os estudos indicam, é a cidade

do Rio de Janeiro, praia do Arpoador, onde tudo começou. Poder reavivar em nossa memória o protagonismo e a participação da comunidade do surf do Rio de Janeiro, o movimento de contracultura ocorrido no Pier de Ipanema, o movimento hippie, a tropicália, em pleno contexto repressivo da ditadura militar, foi, sem dúvida, um grande prazer para nossa equipe. E, através de entrevistas (história oral) e de filmagens com os primeiros surfistas, estamos, aos poucos, construindo um caleidoscópio de imagens plurais, múltiplas, sobre a cultura e a história local do surf de Niterói e que será posteriormente apresentada sob a forma de um documentário.

Isto tem nos possibilitado resgatar a memória histórica desse grupo e reconstruir imagens mais respeitadas sobre o surf. Não raro, os surfistas são descritos no imaginário social como sendo “vagabundos, desocupados, maconheiros”. O desejo é, portanto, o de transformar olhares, tantas vezes permeados por estereótipos e discriminações.

Esta experiência sensibiliza-nos e nos faz pensar a atividade esportiva, em especial, a prática do surf, como forma de valorização da vida e de preservação da natureza e, ainda, como espaço privilegiado de convívio prazeroso e de reconhecimento de uma “cultura da diferença” (Bhabha). E é, sobretudo, construindo vínculos amorosos importantes, oriundos do convívio coletivo entre professores, alunos e nossa equipe, que, através da prática desportiva do surf, da educação e da cultura, vamos tecendo uma espécie de rede preventiva, protetiva e de cuidados (Zuma). Vale lembrar que nosso público, de crianças e adolescentes, apresenta muita vulnerabilidade e que, não raro, devido ao agravamento da questão social e das condições de vida, se vêem mais facilmente expostos a uma série de situações que encerram risco social e processos de sofrimentos, decorrentes de contextos de pobreza e violentos.

Assim, o que se percebe é que o esporte e a cultura adquirem centralidade na vida dos alunos da escolinha de surf e estes devem ser, então, apreendidos em sua dimensão mágica e transformadora, tornando-se uma possibilidade concreta de produção de prazer, proteção social e de alargamento da cidadania de crianças e adolescentes. Acreditamos na valorização dessa prática, como alternativa, diante

de cenários onde vicejam desigualdades, miséria social e a precarização de políticas públicas e práticas do cuidado.

Ademais, vale citar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990, destaca que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura ... (ECA, Tít. I, Art. 4)

O ECA é a base legal que fundamenta e contribui para a promoção da garantia de atenção à criança e ao adolescente. Não obstante, podemos recorrer ao artigo 71 deste mesmo código que, no do capítulo I, do título III, trata do direito que estas têm, no que se refere ao acesso à informação, cultura, lazer e esportes, diversões, espetáculos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

A partir desta perspectiva, percebemos que crianças e adolescentes são sujeitos que necessitam de uma maior atenção e cuidado no que tange ao seu processo de desenvolvimento, despertando, assim, a necessidade de políticas e ações que busquem ampliar o campo da liberdade de expressão e incentivar a participação destes na construção de atividades que venham ao encontro de suas reais necessidades e desejos, na garantia de seus direitos e na ampliação e defesa dos direitos humanos.

No trabalho de campo, aparece também uma clara demanda por atividades culturais, como o acesso a filmes de surf, passeios aos picos¹ de surf no Rio de Janeiro, visita ao Museu de Surf, em Cabo Frio, entre outros.

A proximidade com o mar, a água salgada, o vento, o "prazer supremo", transformam-se, para os alunos, numa possibilidade de se divertir, curtir a vida, se expressar, viver a sociabilidade com os amigos. Permite o acesso a informações sobre povos, culturas e cidades, através de informações históricas sobre os nativos polinésios e havaianos. Possibilita-os, ainda, o conhecimento sobre a própria história do surf no Rio de Janeiro e da cidade em que vivem, isto é, a praia de Itacoatiara, o principal pico de surf de Niterói.

Estes são alguns elementos que mais fortemente definem a condição particular deste gru-

po. O surf, na vida dessas crianças e adolescentes, além de ser uma atividade esportiva, é uma relação que se constrói na prática cotidiana dos campos da diversão, cultura, esporte e do profissionalismo. Surgem daí anseios quanto a um futuro que os possibilite concretizar seus sonhos pessoais e a relação de profundo amor e companheirismo com a prancha, o mar e a comunidade do surf. Assim, o espaço protegido do projeto, assume, metaforicamente falando, o lugar da segunda "família", a "Família Tatuí". Isto também decorre dos vínculos afetivos e dos processos identificatórios muito fortes que se criam entre os alunos e os professores de surf.

Segurança e respeito pelo oceano devem ser como mantras para os surfistas que se propõem a surfar as maiores ondas do planeta. (Rosaldo Cavalcante)

A título de exemplo, citamos uma noção ética, transmitida pelos professores de surf e que se tornou uma espécie de "mantra" na linguagem surfística: "respeite para ser respeitado". Assim, as oficinas culturais que desenvolvemos se colocam na contramão de práticas xenofóbicas e violentas entre os surfistas. Tais práticas se metamorfoseiam através de disputas pelas melhores ondas ou mediante formas agressivas por parte de alguns surfistas "locais" que, como disse o surfista Ricardo Bocão, pensam ser proprietários de "um pedaço de mar". Isto acontece frequentemente, num pico de surf importante na cidade do Rio de Janeiro, que é o Quebra-Mar, na Barra da Tijuca. Dizem que é lá que o "bicho pega". Estes casos, denominados pelos surfistas de "localismo", não raro, transformam-se em casos de polícia.

Apesar da diversidade presente na comunidade do surf e das contradições e contextos violentos que permeiam as práticas da vida e dos difíceis processos do convívio e da linguagem humana, queremos reafirmar aquilo que, na linguagem surfística, chamamos de "aloha spirit" e de "alma surf" – ricos exemplos da tradição cultural polinésia e havaiana. São expressões do desejo e da consolidação de uma "cultura de paz". Preconiza que as diferenças de classes, geográficas e culturais entre a comunidade do surf devem ser respeitadas. E esta tradição nos foi transmitida pelos lendários ícones do surf havaiano. O campeão de natação, salva-vidas e considerado uma espécie de "embaixador do surf" – Duke

Kananamoku – nos diz: “No Hawaii nós recebemos os amigos e os estranhos com aloha, isto é, com amor”.

O que é mais importante na vida não é competir uns com os outros. É sua família, e amar uns aos outros (Eddie Aikau).

O “herói havaiano” Eddie Aikau, surfista e salva-vidas em Waymea Bay (uma praia do Hawaii), e navegador, se dedicou a salvar vidas e desapareceu no mar, em 17 de março de 1978, durante uma tempestade em que lutou, heroicamente, contra o mar raivoso, tentando buscar socorro para a tripulação da Canoa Okule’a, durante uma travessia do Hawaii ao Tahiti. Stuart Holmes Coleman, no livro *Eddie Would Go*, escreve que há informações que indicam que esta viagem teve um propósito claro de resgate da tradição cultural dos povos polinésios e havaianos. Constitui-se, portanto, numa posição de enfrentamento e de oposição à influência hegemônica do colonialismo cultural inglês e norte-americano no território havaiano e uma crítica ao processo de demolição das raízes históricas e culturais desses povos.

Estes dois grandes lendários do surf havaiano sempre valorizaram a vida, o convívio com a família e os amigos, a hospitalidade e o respeito às diferenças culturais na comunidade do surf no cenário mundial. Este cenário envolve surfistas na busca por espaços hegemônicos nas competições profissionais e empresários do surf, que disputam espaço num dos mercados mundiais mais lucrativos.

Outro aspecto que reforça esta “cultura da diferença”, na dimensão da “alteridade” e da “outridade” é quando pensamos a prática do surf na perspectiva de romper com as barreiras geracionais, pois mesmo nos melhores “picos” há espaço para todos aqueles que apreciam a beleza deste esporte, independentemente da idade. Esta cultura nos possibilita desvendar e compreender novas formas de se relacionar e lidar com a própria vida em qualquer tempo, valorizando, portanto, a prática do surf em qualquer idade.

Um exemplo vivo do que acabamos de dizer pode ser observado no projeto Ricardo Tatuí, onde destaca-se a figura lendária e carismática do surfista niteroiense Ângelo Giló, considerado e respeitado por toda comunidade do surf, não só como um excelente surfista, mas sobretudo, como um

exemplo vivo da verdadeira “alma surf” e do “aloha spirit”. Giló, que se escreve com G, pois é um apelido abreviado de seu primeiro nome (Ângelo), surfa desde menino, é matemático, professor de educação física e de surf. Aos 54 anos, sua rotina é de dar inveja a muito surfista jovem, pela capacidade física e pela disposição, que lhe permite acordar aos sábados às 4 h da manhã e sair de Niterói para surfar nos melhores picos de surf do Rio de Janeiro, como a Prainha, a praia do Diabo, Recreio e Grumari. Giló é também apelidado de “velho”, pelos alunos e professores da “Família Tatuí” – “velho” no mais pleno sentido oriental da palavra: como alguém possuidor da sabedoria, da experiência e do exemplo de vida a ser seguido e admirado.

A partir dessa apresentação, consideramos que a entrada do Serviço Social nesse trabalho fez um diferencial, reconhecido explicitamente pelos responsáveis pelo projeto, que admitiram uma mudança qualitativa no conteúdo e desenvolvimento do projeto existente há 7 anos, pois, como profissão, é fundamental no campo da cultura e do esporte: pesquisando, realizando a escura, trocando idéias, desenvolvendo oficinas educativas e culturais e socializando informações quanto aos direitos sociais.

Trata-se de uma prática reflexiva (Vasconcelos) e informativa, compreensiva, curiosa e respeitosa (Andersen) para com os mais diferentes contextos de linguagens e os múltiplos processos do viver.

À medida que o assistente social se insere neste espaço – a cultura surf – e toma contato com esta realidade social, busca uma proximidade e uma compreensão daquilo que lhe parece estranho e distante (Ginzburg). Quer construir um encontro empático, uma possibilidade de diálogo e de compromisso com esta população.

Este compromisso engloba a ampliação e a consolidação da cidadania, o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, a participação de grupos socialmente discriminados e a discussão das diferenças, reafirmando a eticidade e o projeto político do Serviço Social², onde os direitos da criança e do adolescente devem ser socializados de forma coletiva e o compromisso com as liberdades democráticas e os processos de transformação social, preservados.

Valorizar e ampliar o acesso à cultura, vista como um direito de cidadania e de todos, eis o propósito das ações que desenvolvemos através do projeto Cenas de Cinema, na comunidade do surf. Exibimos um documentário que conta a história do campeão e surfista paraibano Fábio Gouveia, o “*Fábio Fabuloso*”, entre outros filmes, que falam das viagens e da vida profissional de surfistas brasileiros que competem no circuito nacional e mundial. Construímos materiais educativos (textos, folderes, jogos lúdicos), produzimos dois audiovisuais com imagens das crianças e da equipe dos dois projetos, exibimos vídeos educativos sobre história do surf, localismo, sexualidade, drogas, entre outros, em reuniões e oficinas.

Nestes espaços coexistem uma polifonia de vozes, onde professores, equipe de facilitadores de conversas e os alunos participam, constroem o trabalho a ser desenvolvido. Não só recebem, mas também elaboram, desconstruem e reconstruem novas propostas a partir de suas necessidades e desejos.

Isto reforça o protagonismo dos sujeitos, com suas próprias histórias, escolhas e responsabilidades. Estimula a autonomia responsável, de modo que eles possam se perceber como sujeitos de direitos e deveres, cidadãos, e não meros objetos do cuidado social e de ações educativas e culturais. Isto pode ser observado durante a Oficina Arte e Cultura Surf, em que os alunos construíram frases e ilustrações sobre o surf e foram convidados a participar de um processo de votação onde elegeram os melhores trabalhos. Nós, professores e equipe de facilitadores, também participamos do processo de escolha. Exercitamos, através do voto universal, da isegoria (igualdade de fala) e da isonomia (igualdade de direitos), práticas mais autônomas e democráticas na comunidade do surf.

Outro aspecto importante nesta modalidade de trabalho é que o profissional utiliza ferramentas teórico-metodológicas e não teme o inesperado, a surpresa, o imprevisível, o inusitado, o improvisado e a errância. Há um desejo de que as pessoas participantes das oficinas e dos debates sobre filmes sejam autoras de suas narrativas e histórias de vida (Grandesso), reconhecidas e legitimadas. Conversar com pessoas, ao contrário de falar para pessoas ou sobre pessoas. Eis o itinerário teórico, metodoló-

gico e ético-político do trabalho que desenvolvemos, onde, ao invés de sermos os profissionais “experts”, que sabem, ensinam, de forma a-dialógica e vertical, como frequentemente ocorre nas práticas educativas e sociais, nos colocamos como “facilitadores de conversas”, como uma espécie de “artesãos na arte da conversação” (Andersen).

Pensamos que a área da cultura constitui-se num espaço muito rico e fértil em termos de possibilidade de trabalho para o Serviço Social. E nos parece que a população usuária dos serviços sociais, seja ela criança, adolescente, adulta ou idosa, além de “comida”, precisa de “diversão e arte”. Precisa de “dinheiro”, mas também precisa do esporte, da cultura e, sobretudo, do prazer de viver.

“A gente quer Cultura Surf”

A afirmação dos alunos do projeto foi: temos sede de surf, mar, água salgada, vento e ondas, queremos o direito de surfar em lindas pranchas coloridas, utilizar quilhas, cordinhas e roupas adequadas que nos protejam do frio e de acidentes, receber instruções de surf, noções de sobrevivência e salvamento no mar, conhecer os princípios éticos da comunidade do surf, assistir filmes de surf, conversar sobre temas que nos causam sofrimento, como drogas na família, gravidez na adolescência, violência, sexualidade e DSTs, direitos de cidadania, e depois entrar no mar e surfar uma boa onda.

Possibilitar a estes sujeitos, a despeito de suas mazelas e sofrimentos, espaços de convívio onde possam se conectar com a emoção, a sensibilidade, a dor e a alegria de viver, que fazem parte da condição humana, e reafirmar direitos de cidadania, eis o que nos propomos com essas práticas culturais. E na dúvida, basta perguntar: “*Você tem fome de quê? Você tem sede de quê?*”.

Estamos apostando na vida, embora reconhecidos de que somos sujeitos faltantes, incompletos e contraditórios. O “prazer supremo” que os surfistas descrevem ao surfar, pode se constituir, nas palavras do surfista havaiano – o mestre Guerry Lopes – “em uma das mais perfeitas metáforas para a vida”.

Notos:

- 1- Picos são os locais considerados privilegiados para a prática do surf, onde quebram as melhores ondas.
- 2- A questão da criança e do adolescente configura-se como um dos campos de inserção do assistente social.

Referências Bibliográficas:

ANDERSEN, Tom. A linguagem não é inocente. Rio de Janeiro IN: *Nova Perspectiva Sistemica*, 4ª ed., n. 7, abril. ITF, 1995.

ANDERSON, e GOLISHIAN. A - O cliente é o especialista, IN: *Nova Perspectiva Sistemica*. Rio de Janeiro, Ano II, n. 3, ITF, 1993.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

BEGEL, Amy. A Sessão de Família: uma sessão de Jazz, IN: *Nova Perspectiva Sistemica*. Rio de Janeiro, ITF, 2004.

COLEMAN, Stuart Holmes. *Eddie Would Go - A História de Eddie Aikau, Herói Havaiano*. São Paulo, Gaia, 2005.

CRESS - 7ª região - Coletânea de Leis e Resoluções - *Código de ética dos assistentes sociais*, 4ª edição, Rio de Janeiro, setembro de 2005.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

GRANDESSO, Marilenc. *Sobre a reconstrução do significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira - nove reflexões sobre a distância*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

Lei 8.069/90 - *Estatuto da Criança e do Adolescente*.

LORCH, Carlos K. *Surfe: deslizado sobre as ondas*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Dois, 1980.

PROJETO RICARDO TATUÍ. Release dos 6 anos do projeto. Niterói, 2005.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

SANTOS, Andréia Mendes dos. & GROSSI, Patrícia Krieger. Mídia e o consumismo na infância: clivagens da violência invisibilizada. *Revista Serviço Social & Sociedade* n° 83, Editora: Cortez, São Paulo-SP, setembro de 2005.

SANTOS, Marcos Ferreira. A cultura das culturas no ensino médio. *Textos complementares*, São Paulo, Editora Zouk, 2006.

SANTOS, Milton. *Por uma nova globalização: do pensamento único à consciência universal*, Rio de Janeiro, Record, 2005.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença - e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

SLATER, Kelly. *A biografia de Kelly Slatter - Pipe Dreams - com Jason Borte*. São Paulo, Gaia, 2004.

VASCONCELOS, Ana Maria de. Serviço Social e Prática Reflexiva. *Revista Em Pauta*, Rio de Janeiro: UERJ, n.10. 1997.

VELOSO, Laís Helena P. *O Hawaii é "beleza pura"*. Rio de Janeiro. UERJ/UFF, 2005 (Material educativo sobre a linguagem e a cultura do surf/ Projeto Cenas de Cinema).

.O Desafio de Navegar em Alto

Mar: uma conversa sobre linguagem e coterapia. Rio de Janeiro, ITF, 2004 (monografia apresentada ao Instituto de Terapia de Família, como requisito para a obtenção do título de especialista).

VELOSO, Laís, FREITAS, Rita de C. TAMBELLINI, Maria L. T. *Cenas de Cinema: conversas transdisciplinares entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro, UERJ, UFF, 2005 (Projeto de Extensão).

Abstract:

The present work deals with an experience lived deeply in the partnership between the Project of Extension Scenes of Cinema - Colloquies transdisciplinares between knowledge and social practices (ESS/UFF and IFSS/UERJ) and the social project Ricardo Tatuí, that promotes surf lessons in the Itaipu Beach's channel in Niterói, for children and teenagers from the public education's net. In this space, leisure, culture and art are connected, stimulating the pleasure for the life, the search for new horizons and the reflection about the most different subjects presents in the daily one of the social life. Remembering that the leisure and the access to the culture and the sport are rights presents in the Statute of the Child and the Teenage, we recognize this work as a way for the affirmation of the human rights, the citizenship and the right for the life.

Keywords: culture, social practices, sport, citizenship.